

## LISBOA SOB O OLHAR DO TURISTA

IRLYS ALENCAR F. BARREIRA\*

### RESUMO

No universo de práticas e projeções imagéticas de cidade, o artigo registra e analisa representações de turistas ou moradores ocasionais sobre a Lisboa contemporânea, captadas por meio de entrevistas feitas com homens e mulheres de várias localidades. Tem-se como pressuposto o fato de que o circuito dos investimentos urbanos, dos rituais de consagração de pontos turísticos e dos discursos feitos por turistas sobre Lisboa não se constituem fatos isolados. As representações de visitantes, de acordo com a pesquisa, não se separam de outras práticas e formas discursivas vigentes na cidade. As reflexões são desenvolvidas na perspectiva de pensar os turistas como narradores do mundo contemporâneo globalizado.

**Palavras-chave:** Lisboa, turista, representações, cidade.

### ABSTRACT

This article aims at registering and analyzing representations by tourists and occasional visitors of modern Lisbon involving the universe of practices and images related to the cities as captured by means of interviews with men of women from different places. It has as its major assumption the fact that the area of urban investments, the consecrating rituals of tourist niches and the discourse by tourists about Lisbon are not isolated issues. Visitors' representations, according to data collected in the research, are not independent from other practices and discourse found in the city. The resulting reflections are developed within the perspective of assessment of tourists in the effort to determine their role as announcers of a new globalized world.

**Keywords:** Lisbon, tourist, representations, city.

\* Socióloga, Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Endereço: Av. da Universidade, 2995, 1º andar, Benfica, 60020-181, Fortaleza/CE – Brasil; e-mail: ialencar21@uol.com.br.

A rigor, as práticas ligadas ao turismo e ao cotidiano remetem a ações e espaços dotados de conotações diferentes, senão contrárias. Enquanto a primeira atividade evoca a ruptura com o desconhecido e a aventura, a segunda se põe no sentido do vivido, da rotina e da repetição.

O turista contemporâneo, na acepção de Bauman (1997) seria comparado ao vagabundo, ao aventureiro e ao errante que usa o espaço e o tempo de forma diferenciada, supostamente na contramão das ordenações de moradores submetidos ao trabalho e às tarefas próprias de sua cidade. As diferenças de condição são assim formuladas por um visitante de Lisboa: “Enquanto turista, acordo no hotel, é-me servido o pequeno almoço ao mesmo tempo em que penso no percurso do dia. Já em casa, tenho que preparar o pequeno almoço, ver se minha filha tem tudo na mochila, levá-la na escola, só então paro para pensar no dia”<sup>1</sup> (turista belga, 38 anos, sexo feminino).

Em um outro contexto histórico, Simmel reporta-se à aventura como a expressão do rápido aproveitamento de oportunidades, a presença da ousadia e o abandono das certezas da vida (2004: 187). A experiência aventureira, vivenciada em curto espaço de tempo, que pode ser comparada ao momento das mobilidades espaciais, representa uma espécie de intervalo entre um antes

e um depois; algo similar ao comportamento do viajante que vivencia situações inusitadas na descoberta de novos lugares.

Considerando-se a lógica desse aparente antagonismo entre a situação do turista e a do morador citadino, a sugestão de uma enquete a ser feita por alunos, enfocando o modo como visitantes viam a cidade de Lisboa pareceu, à primeira vista, deslocada da natureza do curso denominado Sociologia do Cotidiano. Mais um ato de generosidade do professor da disciplina, José Machado Pais, solidário com o tema da minha investigação sobre as narrativas da cidade de Lisboa<sup>2</sup>.

Uma observação mais acurada dos achados obtidos no decurso da investigação feita pelos discentes revelou, no entanto, possibilidades de pensar o cotidiano e o turismo não como oposições, e sim como zonas fronteiriças e articuladas, supondo-se que os visitantes eram também portadores de sentidos e interpretações sobre o tempo vivido em suas cidades de origem, tal como pensou Alfred Schütz (2004) a respeito

do caráter social das representações. Assim sendo, os estrangeiros eram suscetíveis de informar e direcionar as novas percepções construídas nas experiências de viagem. Em outras palavras, os turistas traziam em suas “bagagens culturais” a introjeção de um cotidiano de origem, capaz de informar, por oposição, complemento, ou continuidade, representações sobre

a cidade visitada. As projeções do cotidiano no lazer estabelecem, portanto, um elo significativo ou um sentido de comunicação entre experiências urbanas do passado e do presente capazes de apontar inovações ou reproduções de práticas e estilos de vida<sup>3</sup>.

Além disso, se a viagem feita a Lisboa realizava-se na procura de diferenças ou complementaridade entre cidade de origem e a cidade visitada, os contrapontos ou semelhanças presentes no discurso de turistas ou moradores ocasionais<sup>4</sup> informavam elementos constitutivos de narrativas. Estas baseadas em um conjunto de visões, projeções e classificações a partir das quais os visitantes formulavam uma imagem da capital portuguesa.

O “olhar do turista” era também dialógico porque baseado em leituras de roteiros de Lisboa, incluindo informações presentes em roteiros turísticos e informações de parentes e amigos. Expressava, nesse sentido, o produto de um conjunto mais amplo de percepções significativas, provenientes de experiências pessoais e matrizes discursivas variadas.

Nesse universo de práticas e projeções imagéticas de cidade, o presente artigo tem por objetivo registrar e analisar as representações de turistas ou moradores ocasionais sobre a Lisboa contemporânea, captadas por meio de entrevistas feita com homens e mulheres de várias localidades, escolhidos ao acaso. As reflexões são desenvolvidas na perspectiva de pensar os turistas como narradores do mundo contemporâneo globalizado.

### **Pesquisando turistas**

Supondo que o turista não constitui uma categoria unitária, algumas precauções se impuseram no decurso da investigação. A primeira delas referiu-se a uma configuração do espaço heterogêneo dos informantes. Foi possível encontrar visitantes ocasionais e visitantes que costumavam passar férias em Lisboa. Também estudantes que faziam intercâmbio acadêmico através do programa Erasmus, vivendo na cidade por um período de mais ou menos seis meses. A pesquisa registrou visitantes cujas famílias moravam em Lisboa e turistas sem vínculo familiar ou de amizade com moradores. Turistas europeus e turistas de outros continentes também fizeram parte do conjunto de

informantes. A perspectiva escolhida para dar conta desse universo diferenciado de informantes foi a de incluir, entre os entrevistados, as diversas situações capazes de apresentar redes mais complexas de interações e mobilidades espaciais. Trata-se, portanto, de uma abordagem qualitativa que, embora não tenha trabalhado com amostragem estatística, buscou levar em conta a representatividade variada de informantes, de modo a contemplar critérios gerais de fidedignidade baseados na saturação de dados.

As entrevistas, realizadas com base em um conjunto de questões, flexíveis e readaptáveis, segundo o local e as características do informante, tiveram como meta a captura de impressões ou opiniões construídas sobre a cidade de Lisboa. O roteiro foi composto pelos seguintes itens: motivações para a visita, conhecimentos prévios sobre a cidade, avaliações e descrições sobre os lugares visitados, comparações da experiência de turismo com situações já vividas em outras cidades, possíveis vinculações com o local de origem, rotinas mantidas e alteradas por ocasião da visita, motivações para um eventual retorno.

Os locais considerados como pontos turísticos sediaram o trabalho de investigação e a identificação dos visitantes. As entrevistas tiveram como princípio a boa vontade do informante em dispor parte de seu tempo para expressar impressões sobre Lisboa e suas relações com o conhecimento de outros lugares. As estratégias utilizadas para aproximação com os informantes foi a de abordá-los em locais que costumavam frequentar, estando geralmente ocupados em atividades de alimentação ou contemplação de espaços e monumentos.

A tentativa de manter o tom de uma conversa informal contribuía para o diálogo, em sua maioria, estabelecido de forma individual ou na presença de cônjuges, amigos, ou namorados. Alguns alunos do curso de Sociologia do Cotidiano eram também estrangeiros, o que favoreceu a liberdade de opinião dos entrevistados, impedindo constrangimentos provenientes de eventuais avaliações negativas sobre a cidade feitas na presença de moradores.

Achegar-se ao turista a ser entrevistado, esclarecendo sobre as motivações da pesquisa, supôs também encontrar momentos de descontração ou

situações de informalidade capazes de criar um “clima para o diálogo”. Supunha-se assim, a entrevista como uma relação de troca de afetos e simpatias, a ser mantida na percepção da vontade de colaboração dos entrevistados.

O turista, geralmente demandante de informações, uma vez colocado na condição de informante, demonstrava uma certa perplexidade quando solicitado para falar sobre uma cidade que pouco conhecia. Essa aparente inversão de papéis entre o que demandava e o que concedia informações era, no entanto, justificada pelo entrevistador, por conta da importância, para a pesquisa, de opiniões ou pontos de vista variados, em oposição à condição de um conhecimento preciso dado pelo morador.

Um “olhar de turista” e não de conhecedor da cidade era o que, de fato, interessava mais fortemente à investigação, sendo esse o argumento posto para os abordados que se desculpavam, no início da entrevista, por “não saberem muito falar da cidade”.

Portanto, catalogar as opiniões dos visitantes de Lisboa, verificando dimensões de “descoberta” do lugar visitado, comparações com outras experiências de viagem ou com a cidade de origem justificaram o empreendimento de busca de captação das narrativas do espaço urbano feitas por turistas.

As reflexões a seguir buscam sintetizar o modo como a capital portuguesa aparece na fala de visitantes e moradores ocasionais.

### Adjetivos que falam da Cidade

A cidade de Lisboa é nomeada, na versão dos informantes, por meio de vários adjetivos e vocábulos que podem ser agrupados nas categorias especificadas a seguir.

**Ambiente** – espaçosa, pitoresca, iluminada, acolhedora, imponente, magnífica.

**Humor** – alegre, popular, ruidosa, sensível, relaxante.

**Estética** – histórica, bela, patrimonial, monumental, pitoresca.

**Expectativa** – férias, descanso, passeio, rememoração.

**Nomeações** - cidade do sol, das colinas, das ruas, do fado, dos cafés antigos.

Os adjetivos têm em comum o caráter positivo atribuído à cidade que é vista como unidade ou conjunto orgânico dotado de traços coerentes. As hipérbolos são também recorrentes na descrição da cidade: “Lisboa é uma das mais belas capitais europeias”, fazendo parte das atribuições por meio das quais os turistas classificam e comparam as experiências de visita feitas ao longo do tempo – nas idas e vindas a Lisboa ou no circuito feito entre diferentes cidades, dentro e fora do continente.

É importante ressaltar que os turistas, diferentemente da maior parte dos moradores, falam a partir de uma condição de externalidade, não referida a um bairro ou a um espaço específico da cidade com o qual teriam relações de intimidade. O discurso genérico sobre o espaço urbano lisbonense, quando muito, particulariza recantos turísticos (Bairro de Alfama e Bairro Alto, entre outros), considerando a cidade como um complexo unificado por meio do qual os entrevistados difundem opiniões e expõem narrativas. Reafirmam assim, o princípio de instituição dos vocábulos utilizados para nomear o espaço urbano, corroborando com a perspectiva de Paul Wald (2004) de que as palavras sobre a cidade adquirem significado pelo uso da língua em uma situação prática. O emprego de expressões diferenciadas para falar do tempo e do espaço ilustram a dependência contextual dos sentidos do olhar, das coisas já ditas e dos argumentos produzidos. Mapas, cadastros e a evolução do vocabulário demonstram esse processo.

As opiniões sintomáticas de um primeiro olhar percebem a cidade como articulação de lugares coerente, sem evidência, à primeira vista, de contrastes. Na verdade, o turista busca “o melhor da cidade” e o faz subtraindo de sua experiência de visita o cotidiano de dificuldades experimentadas usualmente pelo morador submetido ao cumprimento de horários. Nesse sentido, a menos que venha em missão de negócios, sua prática fundamental é a de seguir roteiros capazes de informar o que a cidade “oferece de mais prazeroso”. Uma perspectiva de totalidade capaz de ordenar a narrativa do visitante faz com que a cidade a ser conhecida figure como uma espécie de essência a ser absorvida de forma rápida e eficiente.

Além de atributos positivos conferidos à cidade encontram-se, em um conjunto significativo de

informantes, outros qualificativos atribuídos a seus moradores: “o povo português é muito afável e recebe muito bem os turistas”; “as pessoas aqui têm a mente aberta”; “Portugal é um país de histórias”; “Lisboa é um sonho metropolitano, projetado em um povo”. Essas opiniões que reiteram os adjetivos encontrados em folhetos de propaganda sobre Lisboa estão presentes em discursos de vários turistas. Não me causa surpresa a frequência maior de versões positivas sobre a cidade, considerando-se que o turista já programa a sua viagem tendo em vista informações prévias capazes de contornar eventuais surpresas desagradáveis. Nesse sentido, é possível também compreender a evidência de comparações com outras cidades que aparecem em depoimentos de alguns informantes.

Aspectos negativos da cidade são também mencionados: “falta um pouco de organização na cidade, existem poucos espaços verdes e espaços para os pedestres passearem” (turista francês, estudante, 23 anos); “aqui é bom para passear, mas não para trabalhar. É uma cultura difícil para se adaptar” (turista chinês, 30 anos).

A probabilidade de os informantes formularem estereótipos é grande, considerando-se que impressões iniciais, mesmo quando vivenciadas de forma superficial podem afirmar ou denegar a condição de hospitalidade ou rejeição conferidas à cidade. Desse modo, situações consideradas negativas ou positivas, experimentadas durante a estadia dos visitantes, vão formar a imagem que passam a ter do lisbonense como “acolhedor” ou “pouco solidário”.

A rápida experiência deixa, muitas vezes, pequena margem para relativizar opiniões resultantes do caráter episódico das visitas. Assim, viagens feitas de forma institucional, por meio de agências de turismo, ou com ajuda de parentes que residem em Lisboa têm potencial papel diferenciador, considerando-se a existência de mediações capazes de controlar eventuais conflitos ou desentendimentos. Também uma permanência mais longa, propiciada por situações de intercâmbio cultural, ou a quantidade de visitas já realizadas à cidade certamente pode modificar a versão do informante. Alguns entrevistados tinham clara noção do conhecimento deficitário proveniente de uma rápida estadia, afirmando o desejo de voltar a Lisboa para solidificar o conhecimento da cidade.

As experiências de visita podem, assim, ter a vulnerabilidade das primeiras impressões. Eventuais incidentes, a exemplo de um atraso de transportes, ou encontros indesejáveis com “moradores de rua” podem ser decisivos na construção de opiniões contundentes, que corroboram para a formação de classificações ou estereótipos sobre a cidade.

Na realidade, os “visitantes de primeira viagem” não são inteiramente neófitos; chegam a Lisboa com um conjunto de opiniões acumuladas, obtidas por meio de guias turísticos, catálogos de agências de viagem e *internet*. Parte significativa dos visitantes entrevistados revelou essa forma prévia de conhecimento, destacando também informações obtidas através de amigos ou parentes. Por outro lado, a experiência de visita também produz novas percepções sobre a cidade, alterando informações prévias contidas nos ensinamentos dos materiais turísticos. A visita, nesse caso, funciona como uma espécie de teste *in loco* das expectativas, podendo ser capaz de reiterar ou denegar as representações construídas por meio dos *sites* e impressos de turismo. “Viver a informação” pode fazer do visitante um depoente privilegiado: “Eu aconselharia a um visitante a fazer primeiro uma volta no centro da cidade e de ver toda a cidade do miradouro, antes mesmo de visitar Belém, Sintra e os vários museus. Entre estes é preferível começar pelo Golbenkien” (turista espanhol, 43 anos).

Informações colhidas através da experiência de visitantes ou obtidas em guias e *sites* sobre Lisboa muitas vezes se somaram. Entre alguns dos entrevistados, a curiosidade com o desconhecido instigava a busca de novos conhecimentos, sendo a cidade parte de um mapa também idealizado. O rol das expectativas servia como referência, ou melhor, contraponto ao que eles não tinham em sua própria cidade, ou em outras localidades já visitadas. Havia, portanto, um compasso de encontro e desencontro entre um mapa geográfico e outro cognitivo, sendo este referente importante na fabricação de projeções sobre a viagem a ser realizada.

Com base no conjunto das opiniões colhidas nas entrevistas, foi possível elaborar uma espécie de tipologia de discursos convergentes e passíveis de uma classificação a respeito da experiência de

visitação. Trata-se de uma tipologia flexível, baseada em opiniões não-excludentes, que direciona as percepções dos visitantes.

### 1. Discursos de turistas influenciados pela busca de um diferencial entre Lisboa e cidade de origem

Buscar na cidade visitada experiências não vividas em sua cidade constitui parte das perspectivas mais comuns de turistas atraídos pela idéia da diferença. Alguns dos depoimentos expressam esse fato:

- Moro em São Paulo e não tem comparação possível entre Lisboa e a minha cidade. Lisboa é uma pequena cidade calma, São Paulo é uma cidade com milhões de habitantes em escala planetária. Lisboa é pouco poluída, simpática e ainda pouco industrializada (turista brasileira, empresária, 41 anos).

- Eu encontrei policiais que foram rascistas comigo, mas acho a polícia de Portugal menos agressiva que a da França. Eu acho Lisboa mais pequena e preservada do que Paris. É mais quente e com mais sol. Nas aulas as pessoas entram e saem na metade. Em Paris isso é inimaginável (turista francês, 22 anos, estudante do programa Erasmus).

- Evito fazer comparações porque vai distorcer a realidade. Mas, por exemplo, acho Madrid uma cidade muito linda, cosmopolita com uma bela arquitetura, no entanto, falta-lhe alma, falta paisagem. É tudo muito plano. Já Lisboa é uma cidade de colinas, podes subir, descer... e depois tem o rio que visto daqui é lindo (turista espanhol, arquiteto, 34 anos).

- Não faço turismo e é a primeira vez que eu viajo. Pode ser que a vida seja melhor aqui para meu filho e minha nora, porque a vida está muito difícil no Brasil. Por isso muitos brasileiros vêm para cá. Penso que os portugueses são simpáticos, mas os brasileiros são mais dados, estamos sempre em festa; aqui as pessoas são mais reservadas (turista brasileira, 64 anos, empregada doméstica).

Para aqueles que se deslocam em situação de férias, Lisboa figura como lugar no qual é possível ver passar o tempo e dedicar-se à contemplação. As associações entre o cá e o lá informam o peso do local de origem no cômputo das representações sobre a cidade visitada. A comparação estende-se também a outras experiências de conhecimento de cidades.

### 2. Representações baseadas em comparações entre Lisboa e outras cidades

- Acho que Lisboa é uma cidade muito interessante e muito diferente das outras capitais europeias que eu já visitei. É uma cidade com o seu carácter... É uma cidade que tem lugares interessantes e lindíssimos (turista estudante, sexo feminino, 21 anos, Lituânia).

- Lisboa é considerada mais tranquila que outras metrópoles, menor e mais calma do que Amsterdã ou Paris. Tem melhor clima que a maioria das capitais europeias (turista técnico em informática, 30 anos).

- Lisboa é uma cidade com mais luminosidade e tem um lado pitoresco que são as roupas estendidas na janela. A cidade é romântica. Vê-se casais de idosos nas janelas. Existem ruas feitas de pedra. Lisboa tem um tempo mais flexível que em outras, comparando-se com outras cidades da Alemanha (turista alemão, aposentado 60 anos).

- (...) Diria que Lisboa é uma cidade com uma luminosidade única na Europa. Iluminada e alegremente acidentada. É uma cidade de contrastes, dos bairros quase a brincar, com avenidas modernas e pós-modernas. Aqui se passa tudo com muito vagar, não deixa de fruir o rio e o sol e sobretudo a maravilhosa gastronomia... (turista francês, 61 anos, jornalista).

Observa-se que nas comparações feitas entre Lisboa e outras cidades da Europa a singularidade emerge como atrativo principal. As alusões, diretas ou indiretas, à natureza, ao tempo e à paisagem corroboram com a imagem geralmente atribuída a Lisboa de cidade banhada pelo mar e pelo Rio Tejo.

### 3. Representações associadas ao sentido da “descoberta”

A idéia de explorar a cidade de forma relativamente autônoma, movida pelo ideal da “descoberta” é partilhada por um segmento de visitantes, tal como foi explicitado em um dos depoimentos: “Há turistas que não recorrem a guias. Por serem mais jovens ou terem amigos portugueses embarcam no sentido da aventura” (estudante do programa *Erasmus*, espanhol, 24 anos).

O discurso apresentado a seguir pode também servir de ilustração à idéia de uma visitação mais flexível ao inusitado, configurando o turista que ensaia um olhar curioso, detendo-se em aspectos pouco convencionais em observações usuais de cidades.

*- Gosto de observar as pessoas. Se eu dividir as classes sociais das pessoas que se cruzam comigo na rua, nos estabelecimentos comerciais e nos locais culturais, o que eu observo é uma espécie de “postal ilustrado”. Posso observar não só os locais, mas as pessoas e contextos que as compõem. A forma como se vestem, falam e quais os ambientes que nos rodeiam. Essas são particularidades do que eu estou a visitar (turista espanhol, comissário de aviação, 46 anos).*

*- Viajo para conhecer o mundo, para conhecer as pessoas de outros países, para conhecer as culturas diferentes, para ser mais educada e culta, para aprender novas línguas (turista estudante de Economia, 21 anos, Lituânia).*

*- Lisboa é uma cidade grande, tem muito para se ver, é uma cidade bonita, tem muita história, arte e comércio... As ruas são simples e se vê beleza e arte. As pessoas são simpáticas e sempre respondem a informações. Gosto de andar à aventura, passear a pé, visitar monumentos (turista francês, 42 anos, professor de ensino secundário, BAC).*

#### Os turistas como narradores

O narrador de viagens encontra-se muito bem figurado na bela obra literária de Ítalo Calvino, nomeada *Cidades Invisíveis*. Nela o autor apresenta

narrativas feitas pelo viajante veneziano, Marco Polo, que descreve cidades sem se preocupar com a linha divisória entre imaginação e realidade.

A literatura de viagens, associada a práticas de visitação desde a época das navegações, também exprime um tipo de narrativa que faz do viajante um informante privilegiado. As mobilidades asseguradas pelo turismo, embora apresente característica de um planejamento contido no uso racional do tempo e espaço, pode ser visto como uma experiência indutora de narrativas.

Existem, na percepção de parte significativa dos visitantes, opiniões construídas sobre o espaço urbano que, na realidade, constituem espécies de reiteração de pontos turísticos ou percepções já difundidas sobre “a história da cidade”. À experiência de visitação soma-se uma rede de discursos construídos sobre a cidade, que antes de se opor o que pode ser designado de realidade urbana, com ela interage, dando substância ao conjunto de representações construídas e difundidas (MONDADA, 1999). A construção supõe incorporações e acréscimos que se alimentam e induzem à formação de uma rede de classificações.

Trata-se de uma rede de discursos baseada em opiniões geradoras de motivações para conhecer a cidade, conforme pode ser visto nos depoimentos a seguir:

*- Tinha muita curiosidade de conhecer Portugal que é muito falado no Brasil e para onde continuam e emigar muitos brasileiros que acham Lisboa uma cidade muito legal, bonita, com gente simpática e acolhedora (Solange, 41 anos, brasileira, empresária).*

*- Sempre tive curiosidade em conhecer Lisboa. Também gostava de conhecer o Porto, mas Lisboa está em primeiro lugar. Na altura em que surgiu a Expo 98, eu era muito novo e não tinha dinheiro para vir até Lisboa. Decidi vir agora com quatro amigos para conhecer a cidade (turista espanhol, 28 anos, grau superior, técnico em informática).*

Os sentidos experimentados pelos turistas na ocasião do conhecimento da cidade não se separam, por outro lado, dos incitamentos sugeridos nos

guias. Cada vez mais, o potencial visitante obtém conhecimento do local a ser visitado, o que permite a reiteração de discursos já contidos em materiais informativos: monumentos, museus, miradouros etc.; em síntese, o que faz parte do “dicionário turístico” de Lisboa. Rituais de visitação contribuem, outrossim, para solidificar roteiros partilhados em grupo, organizados por empresas de turismo.

A título de exemplo, descrevo um dos roteiros turísticos de Lisboa realizado em outubro de 2007 com o objetivo de apresentar a capital portuguesa a turistas.

O ônibus que passeou em localidades consideradas representativas da cidade era identificado desde longe, seja pelo seu colorido suntuoso com anúncios apelativos aos turistas, seja pela velocidade lenta com que percorria a cidade, impondo um passeio peculiar por sobre o fluxo contínuo das atividades cotidianas.

Os dois andares do veículo permitiam visões diferenciadas aos ocupantes; os do andar superior, por exemplo, viam a cidade pelo alto. A voz da apresentadora, amplificada pelo uso do microfone, coordenava o passeio com breves comentários sobre os pontos considerados importantes de Lisboa, ressaltando a imagem que ocupavam no circuito dos monumentos mundiais.

O trajeto realizou-se em período de uma hora e 40 minutos, podendo ser interrompido segundo a vontade dos usuários. A paragem em alguns dos dezoito pontos considerados estratégicos significava a suspensão temporária do percurso a ser retomado na passagem de outros veículos que compunham a frota dos coletivos *City Line*.

O percurso itinerante supunha a possibilidade de iniciar o *tour* pela cidade a partir de vários “começos”, pois se tratava de um passeio panorâmico e não de um roteiro guiado, segundo explicações da locutora ao referir-se aos locais e monumentos enunciados no mapa.

As explanações feitas em inglês, português e espanhol sobre os pontos a serem observados eram sucintas, contendo, no entanto, breves comentários sobre aspectos singulares do local que o tornavam representativo da cidade. Monumentos, ruas, praças, museus, centros culturais, igrejas, zoológicos e centros comerciais (*shopping centers*) constituíam locais de

referência a receberem atributos distintivos. É nesse sentido que o Mosteiro dos Jerônimos é apresentado como “o mais puro e representativo da arquitetura manuelina do século XVI”, sendo o zoológico o local que contém “uma das coleções mais completas de animais”. A dimensão comparativa entre cidades também emerge no circuito das narrativas, a exemplo da ponte 25 de Abril que “segue o modelo da ponte sobre o Rio São Francisco”.

Os participantes de roteiros vivenciam uma performance de escuta e concessão da palavra ao guia, respondendo às vezes em uníssono às perguntas, opiniões e os locais visitados. O valor de culto que Benjamin (1986) supõe desaparecer no decorrer do processo de modernidade, ao ser substituído pela primazia da exposição é, de alguma forma, reposto nas práticas de visitação que aliam contemplação, uso, sentido tático e ótico.

É importante não esquecer que as práticas de turismo são acompanhadas de investimentos materiais e simbólicos, para alguns designados como indústria, com implicações sobre políticas locais, empresas ou instituições, fazendo com que as viagens traduzam um complexo de ações, agentes e representações, funcionando à moda de um *campo*, na acepção de Pierre Bourdieu. Nesse sentido, é preciso “vender a imagem da cidade”, o que implica custos, investimentos e profissionais em competição por exercer, da melhor forma, a condição de mediadores do conhecimento urbano. A existência de *sites*, livros, empresas de aviação e lojas, empreendimentos em parceria com governos locais e tantas outras atividades comprovam a visibilidade de um ramo de atividades que passou a constituir uma nova espécie de capital produtivo.

O conjunto de atividades ligadas ao turismo encontra-se também vinculado a versões e visões de mundo que valorizam visitas a locais mais ou menos desconhecidos. A “descoberta de lugares” constitui uma espécie de norma de vida e sonho para aqueles que buscam prazer, também associado a desejo de prestígio. As viagens passam, cada vez mais, a fazer parte de uma espécie de currículo simbólico dos que “sabem e podem aproveitar a vida”.

As narrativas estão, assim, articuladas a múltiplos pontos de referência, sendo o turista portador de valores simbólicos sobre o ato de viajar e discorrer

sobre os contextos visitados. Trata-se de uma prática não apenas oriunda de vontade individual, considerando-se as formulações de Urry (2000) acerca das práticas de mobilidade como fenômeno central da sociedade contemporânea associado a padrões de socialidade.

A reiteração de pontos turísticos como representação de uma totalidade urbana não é apenas produzida por visitantes. Pesquisa realizada com moradores sobre o modo como vêem a cidade demonstra que os discursos sobre Lisboa reproduzem também imagens e percepções em circulação, que não podem ser consideradas autóctones ou externas<sup>5</sup>. Da mesma forma, os monumentos mais visitados<sup>6</sup> por moradores, assim como as casas de fado contribuem para a criação de “identidades” e formas de descrição da cidade.

Dentre as imagens associadas a Lisboa, destacam-se as marchas populares e o fado, sobretudo mencionados por moradores integrantes de gerações intermediárias. Os mais jovens relacionam a cidade ao colorido e ao meio ambiente. As expectativas sobre o que aconteceria em Lisboa em 1994, tendo em vista a promoção da cidade como *capital mundial da cultura*, registraram a existência de “boas oportunidades de incremento de criação cultural”, por conta dos estímulos à captação de novos recursos e aumento do fluxo turístico na capital. Houve, nesse sentido, uma circularidade de discursos que se realimentavam e se reforçavam mutuamente, contribuindo para solidificar certas estruturas narrativas que dignificavam lugares, práticas sociais e espaços urbanos: a Lisboa das marchas populares, que nos últimos anos vêm se solidificando como ícone, percorre o discurso de gestores, de moradores e de visitantes.

Conclui-se, portanto, que uma cidade não se deixa descrever por critérios objetivos e factuais relativos à densidade, concentração de atividades econômicas e serviços. Sendo ao mesmo tempo material e imaterial, as descrições sobre a cidade fazem parte de uma multiplicidade de construções contraditórias, concorrenciais e complementares sobre o espaço urbano. As descrições nesse sentido são plurais, incorporando categorização, estrutura e articulação ordenada (MONDADA, 2000).

A polifonia característica da cidade, da qual a urbanidade é um dos exemplos, argumenta

Mondada, é definida por um princípio de “hibridização” que lhe estrutura de forma plural, conferindo à urbe várias ordens e inteligibilidade que se inter cruzam, se imbricam e se integram no espaço público, autorizando sua “governabilidade” e apropriações por atores heterogêneos. A cidade integra, assim, várias lógicas descritivas que não são postas de forma irredutível.

Foi observado na pesquisa que os turistas descrevem a cidade menos a partir de propriedades materiais (tamanho, densidade, transporte) e mais em termos de propriedade simbólica. O caráter funcional da cidade aparece como um dado relacional, no qual a experiência pessoal é fundamental. O turista fala menos da cidade como um contexto objetivo e mais da experiência nela vivida. Referencia-se mais da cidade como imagem e como registro de memória. Sua interpretação sobre a urbe supõe também uma avaliação do seguinte teor “vale a pena ter visitado a cidade?”. Trata-se de uma questão que não se impõe ao morador, mas ao visitante considerado autorizado a dar informações a serem difundidas para novos potenciais visitantes. Vários *sites*, no reforço à legitimidade de porta-vozes, são hoje evocados por estrangeiros interessados em tomar “dicas” e opiniões de turistas experientes sobre as cidades visitadas. Observam-se, nesse sentido, opiniões sobre hotéis, locais a serem conhecidos e experiências traduzidas como “conselhos”.

### **Representações, circularidades e contextos de referência**

Não é possível compreender as imagens e os discursos construídos sobre a cidade fora de um contexto histórico de referência, circunscrito ao tema da mobilidade espacial. O turismo contemporâneo é inseparável de processos macrossociais ocorrentes em Lisboa, perceptíveis desde o final do século passado, configurando uma espécie de abertura para o visitante sobre o “despertar” da cidade, seguindo a expressão de Freitag (1998).

Lisboa, na visão da pesquisadora, seria menos valorizada que Londres, Paris, Nova Iorque ou Berlim, à exceção da literatura de Eça de Queiroz, Fernando

Pessoa e, acrescentaria mais recentemente, a obra de José Saramago.

Alguns elementos indutores da imagem contemporânea da capital portuguesa são mencionados. Lisboa, ao assumir a presidência da União Européia em 1992, torna-se a capital da Europa, em 1994, e sedia a EXPO 98. Nessa ocasião, o tema dos mares e dos oceanos que serviu de referência à Exposição reforçou a singularidade do País em seu momento de expansão marítima, contribuindo também para a efetivação de um imaginário com efeitos sobre o modo de apresentar e descrever Lisboa (FERREIRA, 2005). Esses foram eventos que serviram de impulso à colocação de Lisboa no rol das capitais turísticas européias, fazendo com que a cidade tivesse uma crescente visibilidade, ascendendo ao palco da história em sintonia com outros contextos europeus.

Ao mesmo tempo em que a capital portuguesa inseriu-se no circuito da rede européia, buscando redefinir seu papel na divisão do trabalho, os representantes da Câmara Municipal, no período de 1990-1995, falam de Lisboa como a capital “atlântica da Europa”, referindo-se à situação portuária privilegiada. Outras vertentes ressaltam a situação mediterrânica de Lisboa, considerando que a experiência de Portugal – ao lidar com diversos povos e culturas, incluindo conflitos e tensões religiosas – habilitaria o país a liderar as regiões de Roma e Istambul, mediando Oriente e Ocidente, Europa e África. Outros ainda, mais conservadores, pensam Lisboa como representante da comunidade de países de língua portuguesa. A mesma língua, as mesmas tradições religiosa e cultural poderiam fazer de Portugal uma espécie de liderança (FREITAG, *op. cit.*).

A decisão de transformar Lisboa em capital cultural da Europa promoveu novas medidas de infra-estrutura e embelezamento, sendo construídos, nesse contexto, o Centro Cultural de Belém e os projetos de saneamento urbano nos bairros de Alfama, Madre Deus e Mouraria. O projeto denominado “A Sétima Colina” se propôs a valorizar 35 prédios históricos no trajeto que liga Cais do Sodré ao Largo do Rato, construídos à época da “Lisboa Romântica”, na passagem do século XIX ao século XX. Ressalta-se, nessa

altura, a proposta de “reanimar e reavivar” o Bairro Alto, considerado em situação de decadência.

Esse circuito de imagens e investimentos colaborou para a construção de narrativas da cidade, sendo propagado em guias turísticos, com algumas referências gerais que serão descritas a seguir.

### Guias e práticas de turismo

Lisboa figura nos guias turísticos como a cidade que tem o “centro histórico mais antigo e mais rico da Europa, preservando monumentos de quase todos os séculos” (*Your guide Lisboa – Aeroporto*, 2007).

Os sentidos do olhar e as práticas do caminhar são evocados em materiais escritos sobre o turismo, sendo funções obrigatórias do visitante estrangeiro interessado em “ver de perto” a capital portuguesa. As chamadas para se conhecer Lisboa, a pé, fazem ressaltar a subidas íngremes, atenuadas por elevadores e bondes elétricos. A idéia de explorar a cidade está presente na seguinte chamada: “Lisboa é ótima para passear a pé, em especial nos bairros antigos como Alfama e Bairro Alto” (*Como circular em Lisboa, Guia American Express*, Lisboa, Livraria Civilização Editora, Porto, 2004).

Referências para contemplar Lisboa encontram-se também em *sites* sobre a cidade com indicações de locais por onde passear: “(...) Do castelo, tem-se a melhor vista da cidade. Depois, perca-se ao descer pelas ruelas da Alfama e só consulte o mapa na hora de voltar para o hotel”<sup>7</sup>.

As evocações ao olhar encontram-se nas referências constantes aos miradouros, locais situados em bairros elevados, de onde se torna possível ver a cidade à distância. Estando no Bairro Alto ou em Alfama o visitante pode perceber a existência de pátios com miradouros típicos de uma cidade construída sobre colinas.

Tirar proveito da paisagem significa, nessa condição, superar o obstáculo de um relevo acidentado, hoje transformado em um dos aspectos considerados típicos da feição urbana lisboense. É nesse sentido que guias turísticos fazem referência a miradouros, chamando atenção para as possibilidades de “desco-

bertas”, passíveis de tornar o visitante um explorador individualizado; ou seja, aquele que descobre por entre as frestas da paisagem mais evidente os ângulos peculiares propiciados pelo olhar curioso e suscetível à apreensão dos detalhes. A cidade para ser vista e explorada chama atenção tanto para monumentos como para a natureza exuberante do rio e do mar, considerados ícones que fazem parte dos cartões postais da cidade. Pontos a partir dos quais é possível ver toda a cidade são mencionados em manuais e guias de apresentação de Lisboa, acrescentando-se as menções a festas populares e bairros típicos.

Enriques (1969), comparando os guias turísticos do século XIX com outros recentes, produzidos entre 1989 e 1993, chama a atenção para a proeminência da arquitetura religiosa na representação textual da Lisboa turística, ocupando, em média, 20,6% das indicações de visitas distribuídas nas categorias temáticas: obras de engenharia, instituições públicas, atividades econômicas, culturais etc. Observa o autor que a atenção dispensada nos finais do século XIX a equipamentos e instituições públicas, fundada no caráter de disciplinamento da cidade é substituída atualmente pela presença mais evidente de visitas a museus.

De fato, a imagem de uma cidade higiênica e organizada, segundo o circuito do planejamento racional, enfatizava os “malefícios” de bairros como Alfama, hoje recuperados à luz da apresentação da “história da cidade”. Desse modo, bairros atualmente considerados típicos passaram a constituir espaços de celebração do passado, condizentes com uma visão eufórica mais recente, difundida sobre a cidade de Lisboa.

Pude também observar em vários registros jornalísticos e televisivos a articulação de investimentos culturais e políticos recentes, explicitados em circuitos internos ou ampliados.

As jornadas européias do patrimônio, realizadas no período de 28 a 30 de setembro de 2007, tiveram como objetivo “sensibilizar os povos europeus para a importância da salvaguarda do patrimônio”. Nessa ocasião, cada país celebrava seu conjunto de atividades, mantendo acessibilidade gratuita ao público. O tema escolhido pelo Instituto de Gestão do Patri-

mônio Arquitetônico e Arqueológico (IGESPAR) para as jornadas européias de 2007 foi “Patrimônio em Diálogo”, partindo da idéia básica de que “todas as comunidades possuem os seus monumentos de referência, mas é importante ter em consideração que tais realizações não estão isoladas do tecido cultural que as envolve e que as justifica” (folheto de difusão do evento, veiculado pelo IGESPAR, em convênio com o Ministério da Cultura).

A chamada dirigida aos eventuais participantes atribuía ao projeto a perspectiva de “contribuir para o reconhecimento, proteção e valorização das paisagens culturais nas suas múltiplas dimensões – humana, cultural, simbólica e memorial”. Convidava o público a “sair” do monumento e tentar “compreendê-lo nas suas múltiplas vertentes”. Os idealizadores convocavam ainda os participantes para o exercício do diálogo e a partilha entre todas as entidades responsáveis pelo patrimônio “através de um processo de participação integrada que torna sustentável a política de valorização do patrimônio”.

O evento em Portugal incluiu a visita a monumentos, igrejas, espaços culturais e zonas de preservação. As atividades realizadas em vários Concelhos se materializavam em conferências, apresentações musicais ou teatrais, visitas orientadas e ações educacionais, envolvendo narrativas e roteiros especializados.

Em Lisboa, por exemplo, o trajeto feito com alunos e pais pelo bairro Belém demonstrava a busca de apresentação da “história da localidade”, considerada ponto de atração turística. A oficina pedagógica que convocava a escuta de um conto que deveria “soltar a imaginação e desenhar uma história” voltava-se para um público infantil na faixa etária de 2 a 6 anos. Outro ateliê pedagógico, “mãozinha de artista: brincar ao patrimônio”, se dedicava a crianças e jovens, compondo o circuito das estratégias variadas de envolvimento e diversificação do público.

A “descoberta” de bairros como Alfama e Santa Clara era feita através de fotografias e pistas percorridas por visitantes com trajeto que finalizava no Panteão Nacional. Na apresentação do bairro Rossio e da Praça do Comércio situada no centro de Lisboa, eram destacados “personagens típicos”, assim designados freqüentadores dessas localidades

que tiveram papel importante nas práticas urbanas: a lavadeira, o aguadeiro, o amolador, o vendedor de gelados, que representavam os “pregões” históricos do contexto citadino.

Observa-se no evento, o modo como cada localidade expunha seus “tesouros patrimoniais”, envolvendo instituições e tradições culturais que punham diferentes espaços no circuito dos bens simbólicos de tradição e preservação. Associações culturais e artísticas, Câmara Municipal, museus e igrejas entre outras, forneciam bases de apoio para a realização do conjunto amplo de eventos.

Os apelos a um público diversificado, incluindo todas as faixas etárias, demonstravam as formas de construção e difusão do conhecimento sobre os bens culturais urbanos, reiterando percursos legitimados, baseados em valores de conservação ou preservação. A culinária entrava também como referente importante, a exemplo da visita, em Lisboa, à confeitaria de Belém e observação da feitura dos pasteis típicos, hoje mencionados em todos os *sites* e guias turísticos.

Entender o circuito dos investimentos urbanos, dos rituais de consagração de pontos turísticos e dos discursos sobre Lisboa feito por turistas não se constitui fato isolado. As representações de visitantes, a julgar pelas informações obtidas na pesquisa, não se separam de outras práticas e formas discursivas vigentes na cidade.

(Recebido para publicação em agosto de 2010.  
Aceito em novembro de 2010)

## Notas

- 1 As entrevistas referidas neste artigo foram concedidas aos estudantes do curso de Sociologia do Cotidiano, ministrado pelo Professor José Machado Pais, durante no primeiro semestre de 2008, no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE).
- 2 Trata-se de pesquisa realizada no âmbito de minha experiência de pós doutorado, no período de agosto de 2007 a março de 2008, inserida no Acordo CAPES/GRICES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, Brasil, e Gabinete

de Relações Internacionais da Ciência e do Ensino Superior de Portugal), envolvendo o Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

- 3 Para uma reflexão sobre as articulações entre turismo lazer e cotidiano, ver Barros José da Cunha, *A projecção do quotidiano no turismo e no lazer: o lugar dos actores dos contextos e dos paradigmas*, Lisboa, ISCSP, 2004.
- 4 Duas entrevistas foram feitas com estudantes integrantes do programa *Erasmus* que cumpriam um estágio de seis meses em universidades da cidade de Lisboa.
- 5 Ver, a esse respeito, *Práticas culturais dos lisboetas*, Machado Pais (coordenador científico). Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1994.
- 6 Dentre os monumentos mais visitados pelos entrevistados na referida pesquisa, destacaram-se: o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, ambos freqüentados por distintos estratos sociais.
- 7 Ver o site [http://www.deltari.com.br/dic\\_lisboa.htm](http://www.deltari.com.br/dic_lisboa.htm), consulta feita em 7/7/2006).

## Referências Bibliográficas

BARROS, José da Cunha. *A projecção do quotidiano no turismo e no lazer: o lugar dos actores dos contextos e dos paradigmas*. Lisboa: ISCSP, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BENJAMIN, Walter. Theologico-Political Fragment” in: *Reflections: Essays, Aphorisms,*

*Autobiographical Writings*. Org. Peter Demetz, Trad. inglês Edmund Jephcott, Nova Iorque: Schocken Books, 1986.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas I*, Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas II*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ENRIQUES, Eduardo Brito. *Lisboa Turística, entre o imaginário e a cidade*. Lisboa: Edições Colibri/

Faculdade de Letras de Lisboa, 1969.

FERREIRA, Claudino. “A Expo ’98 e os imaginários do Portugal contemporâneo”, tese, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2005.

FREITAG, Bárbara. “Urbanização no Portugal de Hoje: o caso de Lisboa”, *Sociedade e Estado*, vol XIII, nº1, Jan-julho, 1998.

MONDADA, Lorenza. *Décrire la ville, la constructions des savoirs urbains dans l ’interaction et dans le texte*, Paris: Anthropos, 1999.

PAIS, José Machado (coord.). *Práticas Culturais dos Lisboetas*, Lisboa, ICS, 1994.

SCHÜLTZ Alfred. *Las estructuras del mundo de la vida*, Buenos Aires: Amorrortu editores, 2004.

SIMMEL, Georg. *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot, 2004.

URRY, John. *Sociology Beyond Societies*. London: Routledge, 2000.

WALD, Paul. *Parler en ville, parler de la ville, essays sur les registres urbains*. Paris: Unesco/ Éditions de Sciences de l ’Homme, 2004.